

política

Brasil privilegia 'quem não trabalha'

Perfil



FOTOS: DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC

Eduardo Alvares Moreira é empresário, escritor e autor best-seller, dramaturgo, palestrante, apresentador e fundador do Instituto Conhecimento Liberta (ICL). É graduado em Engenharia pela PUC-Rio, e estudou Economia na Universidade da Califórnia, em San Diego. Teve trajetória no mercado financeiro antes

de direcionar sua atuação à educação e à comunicação pública, a partir do portal ICL. Recebeu em junho de 2026 a Medalha do Mérito Farroupilha, a maior honraria da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Também é autor de 14 livros, dos quais 6 alcançaram a posição nº 1 na lista de mais vendidos do Brasil.

Moreira - Tem várias explicações. Você tem, primeiro, uma explicação histórica desse medo da hiperinflação, que é o tempo inteiro reciclado no Brasil para justificar uma taxa de juros mais alta que todos os lugares do mundo. Não é somente a questão fiscal. O Brasil tem questões fiscais a enfrentar? É claro que tem, e seria uma ilusão falar que não. Mas existem países no mundo que têm uma questão fiscal muito mais séria do que a do Brasil, e que praticam uma taxa de juros muito mais baixa que o Brasil e têm a inflação controlada. Agora, no Brasil, a gente acabou se colocando num ciclo dependente dessa taxa de juros alta, porque hoje em dia, no Brasil, a gente tem um capital especulativo que vem de fora para ganhar esse juro real nosso: entra dinheiro no Brasil para poder investir no juro real e levar o dinheiro para fora do Brasil - dinheiro que não adianta absolutamente nada para a produção brasileira, para gerar empregos no Brasil. E se, hoje em dia, cai essa taxa de juros muito rápido sem mudar as proteções do

sistema, o câmbio vai subir, o dólar vai subir, porque essas pessoas vão tirar o dinheiro do Brasil. Quando o dólar sobe, a primeira coisa que acontece é a inflação subir, porque, hoje em dia, principalmente as commodities, elas são precificadas em dólar. E aí, quando a inflação subir, dentro do nosso modelo, o que as pessoas vão ter que fazer para segurar a inflação? Vão ter que subir os juros de volta. Então, a gente se colocou numa armadilha por causa da forma como a gente estruturou a nossa economia. Ou a gente estrutura a economia de uma maneira diferente, e aí não tem resposta simples. Vai desde você ter estoques de alimentos para poder segurar o preço no momento em que o dólar sobe, até você ter uma matriz energética que proteja a gente de oscilações, como a gente está vendo do petróleo hoje em dia, por causa da guerra que está acontecendo no Irã, até efetivamente ter um sistema financeiro em que o poder, por exemplo, dos bancos estatais, para não deixar que os bancos privados pratiquem a taxa de

juros que quiserem no crédito, seja efetivo. Então, são muitas coisas que têm que acontecer.

JC - Não é na "canetada" que se resolve a questão da taxa do juros no Brasil...

Moreira - Não é botar um cara lá no Banco Central que vai cair o juros para 6%. Não vai adiantar nada.

JC - E como avalia a política econômica deste governo Lula?

Moreira - Ela é tímida. Assim como todo governo, é uma política conciliadora. É uma política que quer mudar o País sem mudar muita coisa. Então, não quer incomodar a Faria Lima, não quer incomodar os grandes fazendeiros do Brasil, que devem hoje em dia mais de R\$ 200 bilhões, mas que têm um poder político muito grande, principalmente no Congresso, uma bancada muito grande. Então, sem incomodar essas pessoas, dificilmente você vai fazer alguma mudança estrutural. E aí o que você consegue fazer de mudança é isso mesmo, faz um programa social, que tudo isso é bom, tudo isso é

importante, mas nada disso muda estruturalmente, aí a gente só empurra com a barriga o problema econômico para os próximos quatro anos, e (depois) para os próximos quatro anos, até o dia que não vai dar mais para empurrar.

JC - E quais os principais entraves para o desenvolvimento econômico brasileiro?

Moreira - Eu acho que o Brasil não tem um projeto nacional de longo prazo. E isso, obviamente, são vários fatores também, e isso não é culpa deste governo só - não quero tirar a culpa de ninguém -, mas, por exemplo, no Brasil você tem eleições de dois em dois anos. E você tem uma estrutura política que foi toda montada para a próxima eleição. Então, você tem, por exemplo, o orçamento secreto no Brasil, que é esse orçamento que drena dezenas de bilhões de reais todos os anos, e que em vez de ser utilizado para obras estruturantes, é utilizado para reeleger o deputado. E aí? Qual o dinheiro que vai sobrar para você fazer uma malha ferroviária, uma malha rodoviária, para você cuidar da questão dos portos, para você desenvolver tecnologia local para poder brigar com as grandes de fora? Qual o dinheiro que vai sobrar para isso? Não vai sobrar.

JC - O primeiro passo seria uma reforma política?

Moreira - Uma reforma política e uma reforma tributária de verdade, que não seja simplesmente uma simplificação. Reforma tributária não é só isentar imposto (de quem recebe) até R\$ 5 mil, que é importante. Uma reforma tributária é algo muito maior do que isso. Então tem que ter uma reforma tributária muito mais ampla e profunda, e você tem que ter uma reforma política com certeza. E eu acho que você tem que ter uma reforma, por exemplo, do sistema financeiro, e não tenho dúvida disso.

JC - Em que sentido tem que ser feita esta reforma no sistema financeiro?

Moreira - Você tem que voltar a estabelecer um papel muito importante e maior para os bancos estatais. Tem que ter uma regulação maior dos bancos e uma taxa maior dos lucros dos bancos.

JC - Está em fase de implementação a reforma tributária. Como avalia?

Moreira - Ela aponta para uma direção correta, que é de você simplificar a estrutura de imposto. Mas a questão é, vamos simplificar? Va-

mos. Quando é que isso vai valer de verdade? Vai valer daqui a mais de 10 anos. Aí você chega e fala assim: 'vamos botar o rico para pagar imposto? Vamos'. A primeira medida para fazer o rico pagar imposto foi pegar os fundos exclusivos que você tinha e fazer com que eles tivessem uma redução do imposto de 15% para 8%, então você deu um presente (aos ricos). Foi vendido como se finalmente estivéssemos taxando os ricos, mas a verdade é que eles deviam, e isso estava no extrato deles, 15% de imposto sobre os lucros acumulados deles, que seriam pagos na hora do resgate. Ah, mas eles não resgatavam nunca? É um fato. Mas quando tivemos que pagar o come-cotas, que é o imposto que se paga sobre fundo de investimento - todo mundo paga -, a medida foi a seguinte: a partir de agora vai ser cobrado os 15%, e de seis em seis meses vai ser recolhido. Os ricos não tiveram isso. Os ricos tiveram uma 'moleza' de, a primeira vez que eles pagaram, foi só 8% para eles terem que pagar. Então eles ganharam de presente 7%. E é sempre assim que funciona. Então eu acho que é o seguinte: para a gente fazer coisas que mudam o Brasil de verdade, a gente tem que fazer com muita coragem. As coisas que estão sendo feitas estão apontando para a direção certa, mas tem que ser feitas, na minha opinião, com mais coragem e de uma maneira mais profunda.

JC - Brasil está passando por um processo de desindustrialização: concorda com esta avaliação e como reverter este cenário?

Moreira - O mundo inteiro está se desindustrializando e está virando um mundo de serviços. Então você, por exemplo, deixa de produzir um monte de carro e você passa a ter o Uber, em que as pessoas, os jovens, passam a não ter carro para usar o transporte compartilhado. É um exemplo bobo só para mostrar que é uma tendência mundial esse negócio acontecer. Agora, efetivamente, a gente se desindustrializou mais do que a média do mundo por vários motivos. Um deles é a nossa taxa de juros altíssima. Para você ter um processo de industrialização, tem que fazer investimento pesado, e ninguém tem esse dinheiro - você tem que pegar crédito. E se você pega crédito a 15% ao ano, não tem margem de lucro para poder pagar de volta esse dinheiro. Então não tem como fazer. Tem que criar as estruturas para isso.